

“Dominação” evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono

Nina Rosas¹

Resumo: Este texto analisa algumas ações da banda *gospel* Diante do Trono a fim de ampliar o entendimento sobre a atuação dos evangélicos a partir da música e exemplificar parte do processo de transnacionalização de uma importante corrente doutrinária. Aborda-se como a Teologia do Domínio, polemizada concepção estadunidense, dá sentido às gravações de *shows*, ao posicionamento do grupo em face dos protestos da sociedade civil de 2013, ao encontro com a presidente Rousseff e à promoção de ações sociais. Entrevistas e observação participante, realizadas entre 2011 e 2014, no Brasil e nos Estados Unidos, compõem o material etnográfico utilizado.

Palavras-chave: evangélicos; música; ação social; Teologia do Domínio; Diante do Trono.

Evangelical “dominion” in Brazil: The case study of the worship group Before the Throne

Abstract: *This paper analyzes some of the actions of the worship group Before the Throne in order to further the knowledge about how evangelicals act through music and in order to exemplify part of the transnationalization process of an important doctrinal trend. The approach is on the comprehension of how the Dominion Theology – a controversial US conception – gives meaning to the band’s*

1 Doutora em sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – Brasil – bolsista CNPq e CAPES. Agradeço aos pareceristas da revista pela leitura cuidadosa, e ao CNPq à Capes (processo 12664/12-0), respectivamente, pelas bolsas de doutorado e doutorado-sanduiche, que subsidiaram a pesquisa desenvolvida – rosasnina@gmail.com

live recordings, the position they hold in the face of the demonstrations of 2013, the meeting with the president Rousseff and the promotion of social actions. Interviews and participant-observation in Brazil and in the USA, done between 2011 and 2014, make up the ethnographical material employed.

Key-words: *evangelicals; music; social action; dominion theology; Before the Throne.*

A música tem importância considerável no campo religioso. No âmbito evangélico, grandes movimentos, como o avivamento metodista inglês do século XVIII, foram propagados tanto por pregações quanto por canções. Os novos sons que surgiam representavam uma postura de protesto não só quanto à hinódia (conjunto de cânticos) autorizada na época, mas quanto à esterilidade e à organização da religião predominante (Miller, 1997). Muitos conjuntos musicais também rejeitaram valores oriundos da sociedade moderna capitalista, como o acúmulo material e a adesão à ideia de que avanços tecnológicos representariam melhorias na qualidade de vida (Howard, 1992). Atualmente, além de fontes de entretenimento, as produções musicais continuam sendo um microcosmo, uma janela para a compreensão da religião e das relações que ela mobiliza na sociedade (Katz, 2000; Howard; Streck, 1999; Powell, 2004).

As músicas dos crentes dos Estados Unidos foram as que mais se propagaram², afetando expressões evangélicas de diversas regiões, que se apropriaram dos sons, amalgamando-os a ritmos locais. Líderes e bandas que surgiram a partir dessas misturas por vezes obtiveram sucesso e também repercutiram no contexto que outrora os influenciara. No final dos anos 1990, o que antes era um fluxo quase unilateral que partia dos Estados Unidos adquiriu novos contornos, agregando agentes principalmente do reino Unido e da Austrália (Ingalls, 2009; Ingalls et al., 2013a; 2013b; Nekola, 2009; 2010). As canções ou os atores de fora desses centros, todavia, ainda não foram objeto de investigação exaustiva, como afirma Ingalls ao fazer um mapeamento da musicalidade evangélica transnacional (Ingalls, 2013).

No Brasil, o mercado destinado aos crentes se destaca por movimentar bilhões de reais por ano, e muito disso se deve à indústria fonográfica. Os desafios trazidos mostram-se no compartilhamento digital dos fonogramas e na pirataria dos discos (Herschmann, 2009; Storni; Estima, 2010), que são ligeiramente protegidos pela retórica de que a pirataria é um pecado. Na verdade, cresce o faturamento dos produtos religiosos sobretudo porque o número de fiéis que se identificam com a religião evangélica se dissemina com notável rapidez,

2 Em função da ainda forte relevância desse país para a música evangélica global, a exposição feita será cotejada com dados a ele referentes.

chegando a somar 22,2% da população, segundo mostrou o último recenseamento oficial, feito em 2010. Isso torna o país um dos centros mundiais do evangelicalismo (Freston, 2005; Freston, 2009; 2010).

Com vistas a ampliar o entendimento a respeito dos diferentes desdobramentos da atuação dos evangélicos a partir da música, este texto se voltará à compreensão de algumas ações de uma das bandas cristãs mais proeminentes do país, o Diante do Trono (DT), que alcançou projeção nacional e internacional, e sobre o qual ainda há pouco publicado³. A presente análise considerará: as grandes gravações de *shows* ao vivo realizadas pelo DT por todo o Brasil com o intuito de travar batalhas espirituais; o posicionamento do grupo por ocasião dos protestos realizados pela sociedade civil em 2013; o encontro da principal cantora da banda com a presidente Dilma Rousseff⁴; e o engajamento em ações assistenciais. A chave analítica para se compreender essas iniciativas é o modo como o grupo se apropria de uma polemizada e importante concepção estadunidense conhecida como Teologia do Domínio/Teologia do Reino, que influenciou e ainda hoje influencia a noção de batalha espiritual pregada por diversos evangélicos pelo Brasil⁵. Assim, o estudo proposto joga luz em processos de transnacionalização de correntes doutrinárias e em seus desdobramentos em uma dimensão local, ajudando na compreensão do fenômeno religioso em contexto de muitas globalizações (Berger, 2002; Casanova, 2001; Hervieu-Léger, 2008; Miller; Yamamori, 2007).

O material etnográfico utilizado advém de consulta a fontes secundárias, entrevistas e observação participante realizadas no Brasil e nos Estados Unidos entre 2011 e 2014⁶.

- 3 Em trabalhos anteriores, discuti em pormenores o impacto do Diante do Trono para a indústria fonográfica-midiática e as prescrições de gênero por ele defendidas (Rosas, 2013; Rosas; De Castro, 2014). Cunha (2007) tratou das gravações ao vivo que mobilizam multidões, mas não teve como objetivo realizar um estudo aprofundado a respeito das motivações e consequências de tal prática. De Paula (2008; 2012), da mesma forma, abordou a importância da banda, porém tangencialmente.
- 4 Quando finalizei a escrita deste artigo, em abril de 2014, não era possível observar o cenário que meses depois se configurou – a candidatura de Marina Silva à presidência, dada pelo falecimento de Eduardo Campos (PSB), e que foi claramente apoiada pelo DT. Analisei o fato em minha tese de doutorado, mas, por duas razões, deixei de tratar de seus pormenores aqui. Primeiro, quis manter o texto fiel ao que havia sido aprovado; segundo, as conclusões levantadas, embora preliminares e parciais, não são opostas às que pude chegar ao vislumbrar os novos acontecimentos. Cabe antecipar que o explícito suporte dado por Valadão à candidata visou à defesa de uma agenda político-moral-religiosa que, em agosto, se cristalizava na figura de Marina Silva. A vitória desta seria para os evangélicos uma coroação da participação na vida pública, mas tal expectativa foi frustrada com o resultado do primeiro turno das eleições.
- 5 Os únicos autores que esmiuçaram essa teologia foram Mariano (2005 [1999]) e Mariz (1999), embora ambos não tenham esgotado a análise de seu impacto no campo brasileiro. Após tal data, não se vê outros trabalhos de natureza socioantropológica a respeito da temática.
- 6 Esta pesquisa é parte de um projeto maior – minha tese de doutorado, para a qual reuni e examinei mais de 300 reportagens e vídeos, 23 entrevistas com importantes líderes evangélicos e anotações de campo decorrentes de shows, congressos, conferências e cultos nos quais desenvolvi observação participante.

O Diante do Trono

Nos anos 1990 começaram a se formar no Brasil os primeiros “ministérios de louvor e adoração”⁷, em que os integrantes se intitulavam “adoradores” em vez de artistas religiosos (Cunha, 2007). Os “ministros” apresentavam-se como figuras responsáveis pelo avivamento espiritual das igrejas. Enquanto nos Estados Unidos predominavam a tensão com o mercado e a busca por legitimidade dos novos sons que surgiam⁸, no Brasil ocorria algo semelhante. Questionava-se a idoneidade da conversão de pessoas que já eram famosas no meio secular, visto que a produção musical destas seguia uma lógica considerada puramente comercial. Uma das principais diferenças, contudo, é que o grupo de evangélicos brasileiros, ainda que em crescimento, ao contrário do estadunidense, era a minoria da população. Por isso, vender álbuns com canções que funcionassem mais como músicas de igreja do que como entretenimento não só foi uma estratégia mais rentável e menos duvidosa como legitimou a produção musical dos crentes, tornando-se assim a força motriz da indústria *gospel* nacional⁹. O *gospel* passou a ser um nicho distinto do mercado fonográfico, contribuindo para marcar o final do século XX com a projeção dos “ministérios de louvor” e de bandas inseridas em grandes gravadoras confessionais ou criando suas próprias a fim de divulgar seus trabalhos¹⁰.

O principal grupo de “louvor e adoração” brasileiro é o Diante do Trono – que nasceu em 1998, na cidade de Belo Horizonte, capital do estado, que é um

Os dados dos Estados Unidos foram coletados em 2013, quando atuei como estudante visitante no Center for Religion and Civic Culture, em Los Angeles, sob a supervisão do Prof. Donald Miller. O material do Brasil foi coletado durante todo o período; em 2013, os eventos foram assistidos via *streaming*.

- 7 Principalmente na última década, o estilo “louvor e adoração” no Brasil passou a se assemelhar ao que é conceituado nos Estados Unidos como *worship music* ou *modern worship music*. Trata-se de música religiosa *pop rock*, inspirada em bandas como U2 e Coldplay, guiada por guitarras e com certa complexidade estilística. Nos Estados Unidos, por um bom tempo, o termo louvor foi empregado para fazer referência a canções alegres e aceleradas, de celebração e agradecimento, que descreviam a comunidade se reunindo. Já adoração, que se tratava da aproximação da presença de Deus, tinha tom mais intimista e volume mais baixo, e se caracterizava por músicas mais lentas e consideradas orações (Ingalls, 2008). Essa diferença se encontra borrada em função do predomínio do estilo adoração, mesmo que já alterado, em ambos os contextos nacionais. Ainda assim, no Brasil “louvor e adoração” continua a ser o termo mais empregado.
- 8 Na realidade estadunidense há uma clara divisão (questionada por alguns nativos) entre a música congregacional e a que é religiosa mas não é tocada nas igrejas, pois se direciona ao entretenimento e ao público não evangélico. Estas últimas têm o objetivo de divertir a plateia de crentes ou converter indivíduos. A música de entretenimento deu origem a uma indústria que se estabeleceu na cidade de Nashville, cujo ápice ocorreu nos anos 1980. Ela é majoritariamente mencionada na literatura estrangeira como *contemporary Christian music* (CCM), embora haja quem utilize o termo com outro significado.
- 9 No Brasil, *gospel* é um conceito guarda-chuva que se refere à música evangélica de maneira geral.
- 10 Várias gravadoras evangélicas surgiram na época, tais como: Line Records (criada em 1992 e dirigida pela Igreja Universal do Reino de Deus); Gospel Records (fundada em 1990 pela Igreja Renascer); Top Gospel (criada em 1996, ligada à Rádio Melodia e dirigida por um político); e MK Music (criada em 1990, é hoje uma das maiores gravadoras, com um reconhecido *casting* de cantores). Ver mais em De Paula, 2008.

dos bastiões do catolicismo no país (Jacob, 2003). O DT foi criado por Ana Paula Valadão, que havia estudado nos Estados Unidos (no Christ for the Nations Institute) em 1997 e voltara de viagem motivada a iniciar algo semelhante ao que vira fora do país. Valadão¹¹ é cantora, tem 38 anos, é casada, mãe de dois filhos, e pastora de uma das maiores igrejas carismáticas¹² do Brasil: a Igreja Batista da Lagoinha (IBL), organizada em 1957.

Embora o DT tenha surgido como banda congregacional, ele se expandiu, e sua rubrica passou a ser utilizada em diversas iniciativas promovidas por Valadão; desde congressos de música e oração a programas televisivos, seminários e cultos para mulheres, caravanas para Israel, cruzeiros marítimos, linha de roupas e artigos religiosos etc. Organizado pela filha do pastor que está à frente da igreja há mais de 40 anos (Márcio Valadão), relata um dos ex-funcionários da banda que “o nome do Diante do Trono cresce tanto, mas tanto, que ele é um prestígio para a igreja” (S., 16 de agosto de 2012). A cantora fala da filiação institucional por onde passa, incluindo canais de televisão seculares, e certamente é possível atribuir a fidelidade de parte da audiência local da IBL ao sucesso do DT. A banda já chegou até a administrar, embora por um curto período de tempo, o canal de televisão da Lagoinha, a Rede Super, para o qual ainda fornece importante conteúdo. A imbricação entre DT e IBL fica novamente evidente em função de os salários dos músicos do DT serem pagos pela igreja (conforme narrou uma das integrantes). Mesmo assim, não se pode ignorar que, devido ao inegável carisma e à autoridade religiosa que Valadão possui, seus projetos se valem da IBL, mas apresentam certa autonomia. Isso é notado sobretudo no que tange à agenda e à administração, que é feita pela cantora, dos grandes montantes financeiros arrecadados.

11 Cabe explicitar que Valadão não só é a fundadora, mas a grande articulista do DT. Ela já reorganizou o grupo de maneira significativa ao menos duas vezes, tendo deixado da formação inicial apenas um integrante. Quando apresentado em programas televisivos, o Diante do Trono nunca aparece desvinculado do nome e da presença da cantora. Por tais razões, Valadão e DT serão considerados conjuntamente ao longo da narrativa.

12 Carismatismo protestante, ou protestantismo renovado, pode ser sintetizado como a “pentecostalização” do protestantismo histórico brasileiro (principalmente o de missão), fenômeno que acometeu inúmeras igrejas, como as batistas. O pentecostalismo, corrente religiosa cujo pilar está na crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo (cura, visão, profecia, glossolalia etc.), exerceu grande impacto principalmente através da vertente que se desenvolveu a partir do final dos anos 1970. Esta foi chamada de neopentecostalismo e se caracteriza por promover grande liberdade quanto às representações em torno do corpo, exacerbar a guerra contra o diabo, aderir à pregação da prosperidade, acentuar o uso crescente de objetos mediadores do sagrado, estruturar-se empresarialmente, incrementar a participação na política partidária e nos postos de poder e passar a usar a TV e o rádio como nunca antes evangélicos haviam feito no Brasil (Freston, 1999; Machado, 2006; Mariano, 2003; Oro, 2003). Por evangélicos se compreende, conjuntamente, os protestantes históricos, os renovados ou carismáticos e o grupo dos pentecostais.

De 2009 a meados de 2014, o grupo distribuiu seus CDs e DVDs pela Som Livre, gravadora do maior conglomerado de entretenimento do país, a Rede Globo. A Globo por muitos anos fomentou severas críticas aos evangélicos. Contudo, em virtude da perda de audiência, da crise na indústria fonográfica secular e do crescimento numérico desses fiéis, ela começou a dar mais atenção a grupos que antes estigmatizara. Fez um contrato com o DT, e posteriormente com outros cantores evangélicos, visando a disputar o sucesso de venda que era experimentado por gravadoras e distribuidoras confessionais. Desde 2011 passou a promover premiações aos cantores evangélicos e festivais musicais transmitidos pela TV Globo em rede nacional. O DT participou dos eventos e passou a veicular sua imagem em programas televisivos da emissora e em outros canais seculares. Mesmo ciente do incômodo que essas parcerias causam em muitos crentes, para o DT o vínculo propiciava a propagação dos valores da fé; discurso muito semelhante ao observado nos Estados Unidos na época em que *majors* (grandes gravadoras seculares) se fundiram com empresas religiosas (Balmer, 2000; Brown, 2012; Howard; Streck, 1999; Powell, 2004)¹³.

Para além da influência do grupo no estilo musical que predominou nas igrejas evangélicas e nos veículos midiáticos, vale a pena examinar uma característica da banda que justifica seu posicionamento “político” e a produção e/ou o apoio a atividades de assistência. Trata-se da forte retórica de “dominação” acionada pelo DT desde seus primórdios e que mostra como uma corrente doutrinária advinda dos Estados Unidos é utilizada e autoctonizada.

Gravações, influência estrangeira, protestos e encontro com a presidente

Após as primeiras gravações do DT, que aconteceram dentro da Igreja Batista da Lagoinha, o sucesso da banda não se restringiu ao seu limite local nem denominacional. O DT atraiu público cristão que vinha em caravanas de todo o Brasil para assistir às gravações anuais, realizadas ao vivo, e que reuniam palco, cenografia e moderno aparato tecnológico. Em outubro de 2001 foi promovido o primeiro Seminário de Intercessão¹⁴, organizado pela pastora Ezenete Rodrigues, líder na IBL e mentora de Valadão. Os encontros, que até hoje antecedem as gravações, são parte das iniciativas do DT e se baseiam no fato de Valadão receber uma “revelação” sobre o local onde a gravação deve ser realizada. A partir daí, Rodrigues

13 Em outro texto (Rosas, 2013b) analisei as controvérsias decorrentes da interação do Diante do Trono com as organizações Globo e chamei a atenção para os diversos agentes (pessoas, instituições e aparatos comunicacionais) envolvidos nas disputas midiático-religiosas.

14 Para esses crentes, interceder significa realizar uma oração/clamor intenso em função de uma causa.

reúne igrejas e líderes evangélicos importantes da região alguns dias ou semanas antes do *show* a fim de fazer orações a favor da localidade. Em tese, dá-se início a uma nova fase espiritual na cidade e/ou no estado. No discurso nativo, essas reuniões começam os chamados “atos proféticos”, isto é, representações feitas no mundo físico que teriam impacto direto no “mundo espiritual”. A partir do que se vê ou antevê mediante manifestação divina, os crentes oram, marcham, expulsam demônios e fazem declarações a fim de “tomar posse” (se apropriar de, controlar, santificar) de uma região, um espaço de festa, um fenômeno natural etc.

Em dezembro de 2001 o DT gravou no estádio de futebol Maracanã, no Rio de Janeiro. A partir de então mobilizou multidões (um dos *shows* agregou dois milhões de pessoas) nos mais relevantes pontos turísticos das capitais ou importantes cidades dos estados brasileiros, como Salvador, Porto Alegre, Belém, São Paulo, Manaus e Juazeiro do Norte. A escolha dos locais não é gratuita. O grupo faz sua *performance* em lugares de grande visibilidade. Sejam eles palcos de importantes eventos culturais, como o Carnaval e os festivais tradicionais (como os folclóricos da cidade de Parintins e a festa do Peão Boiadeiro), de ação política, como a Esplanada dos Ministérios e o Centro Administrativo da Bahia, e também de concentração religiosa, como Juazeiro do Norte, que abriga romarias católicas¹⁵. A expectativa é que a ação simbólica, por eles compreendida como “ato espiritual”, repercuta não apenas promovendo evangelização e unidade no meio evangélico, mas diminuindo a violência, a desigualdade social, a corrupção, a pobreza e as intempéries naturais.

A partir de 2007, com outra gravação no Sambódromo do Rio, o grupo acentuou o discurso de “perseguir” e “resgatar” as festas para Jesus, e “santificar” locais como aquele, que supostamente estaria encharcado de decretos malignos para a moral e para a família. Lá estariam o trono de Satanás, a vergonha, a agressividade e a humilhação da nação brasileira.

Segundo Ana Nóbrega (vocalista da banda até 2013), o resultado da intervenção do grupo é:

Casas de *shows* que fecharam e hoje são igrejas. A gente ouviu falar de motéis que foram fechados e foram transformados em casas residenciais, coisas

15 Quanto a Juazeiro do Norte, vale acrescentar que no discurso do grupo a cidade é tida como um local que enfrenta muitos problemas sociais relacionados ao clima adverso. Segundo escreveu o esposo de Valadão: “a escolha de Juazeiro do Norte não se deveu apenas à sua posição geográfica estratégica, mas sim também à situação em que se encontra o sertão nordestino, que vive a pior seca dos últimos cinquenta anos. Juazeiro do Norte, apesar de ser uma cidade em crescimento, é também uma cidade do sertão, que tem sofrido e chorado com a escassez de chuvas” (fonte: <http://www.diantedotrono.com/dt-no-sertao/>, acesso em julho de 2013).

mudando de propósito. Não precisa ser igreja, mas que tenham um propósito santo. [...] O Diante do Trono teve lá [Fortaleza] em novembro de 2011. Nós fomos cantar na maior casa de forró. E ali a Ana [Valadão] profetizou que ia se transformar numa casa santa, numa casa de eventos, não mais bebedices, não mais prostituição. [...] E a igreja que nos levou comprou aquela casa de *shows* e hoje tem *show* evangélico todo fim de semana (excerto de entrevista, Ana Paula Nóbrega, 13 de setembro de 2012)¹⁶.

Os congressos e *shows* realizados pelo DT podem ser interpretados a partir do que Emerson Giumbelli (2013) chamou de “cultura pública”. De um lado, o autor mostrou que o catolicismo conseguiu se pôr como guardião de diversos bens nacionais e se traduzir como “religião natural” do povo, associando-se às festas populares, consideradas patrimônio imaterial. De outro, retratou que as religiões afro-brasileiras tiveram que conquistar o *status* de religião e apelaram para a associação com o legado cultural africano, forte componente da identidade do país. Evidenciou ainda que os evangélicos, por sua vez, acessaram outra via. Passaram a transitar em espaços/setores sociais diversos (política, mídia, música, esporte, ruas, favelas) a fim de propagar referências por meio de ações performáticas. E é exatamente isso que é feito pelo DT. Ao demonizar e marginalizar as práticas e manifestações culturais, o intuito é evangelizar e moralizar a sociedade, a partir da criação de uma cultura religiosa purificadora, redentora, triunfante e visível.

De modo complementar, cumpre narrar outro evento realizado pelo grupo. No início de 2013, o DT promoveu o 14º Congresso Internacional de Louvor e Adoração, reunindo aproximadamente 10 mil pessoas na cidade de Belo Horizonte. O seminário é uma espécie de treinamento espiritual para os que atuam diretamente com música e também para religiosos leigos. Ocorre anualmente desde 2000¹⁷. Fato marcante naquela ocasião foi a presença de Cindy Jacobs, uma famosa líder estadunidense que já havia vindo ao Brasil anos atrás e tinha “profetizado” que a IBL compraria uma rede de televisão (o que acabou ocorrendo com a aquisição da Rede Super em 2002). No congresso, Jacobs disse:

And the Lord would say: I am giving Brazil a second chance. I am giving you a window, says God, where you are going to begin to pray. And the Lord says,

16 O local mencionado chama-se G4 e foi comprado pela Comunidade Cristã Logos (fonte: <http://mixgospelblog.blogspot.com.br/2011/12/comunidade-crista-logos-pretende.html>, acesso em 18 de dezembro de 2014). Outra propriedade que teria sido transformada em igreja por meio desse tipo de intervenção espiritual está em Feira de Santana (BA). Ver mais sobre isso em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-Oa6hIVafg#t=513>, acesso em 18 de dezembro de 2014.

17 Em 2014, em função do que será explicado a seguir, o evento foi rebatizado como Congresso Internacional Adoração e Intercessão (ver mais em: <http://www.adoracaointercessao.com.br/>, acesso em 6 de março de 2014).

if you do not take the window, I am going to begin to shake the economy. And the Lord says: I will transform Brazil, but you must transform it from your knees first. So the Lord says: Begin to cry out day and night. I am going to build the house of prayer for all nations from Brazil, says the Lord. I am going to begin at the university campuses; I am going to begin at the school. I am going to begin at the government houses. And the Lord says: It is my desire to pull down the principality of corruption and the principality of poverty, because I am coming to shake everything that can be shaken. And I am preparing a full runner generation. Let the Jonh, the Baptist, arise. Let the Jonh, the Baptist, arise. Rise up the full runners that will prepare the way of the Lord for the transformation of Brazil (excerto de fala, Cindy Jacobs, 14º Congresso Internacional de Louvor e Adoração, 28 de março de 2013)¹⁸.

A situação socioeconômica do Brasil – país em desenvolvimento, que já passou por severo período de inflação e que se redemocratizou nos anos 1980 – é razoavelmente conhecida em âmbito internacional, de modo que o argumento genérico da existência de “principados” de corrupção e pobreza e a ameaça, vinda de Deus, de que haverá um abalo na economia se encaixam bem e sem grandes surpresas. A despeito disso, o discurso de Jacobs foi amplamente propagado pelo DT e deu ainda mais sentido às ações subsequentes do grupo porque ondas de protestos se desencadearam no país poucos meses depois do referido evento.

Em 2013 surgiu uma série de manifestações da sociedade civil em várias cidades, também chamadas de Jornadas de Junho, ocorridas na época da Copa das Confederações da FIFA. O pano de fundo de tais movimentos era formado pelo apelo da população contra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, pelos grandes gastos financeiros para receber a Copa do Mundo de futebol (incluindo a remoção forçada de famílias em determinadas áreas), pela repressão das manifestações de jovens em várias cidades e pelo assassinato de indígenas quando da desocupação de terras no estado do Mato Grosso (Avritzer, 2013).

18 “E diz o Senhor: estou dando ao Brasil uma segunda chance. Estou dando a vocês uma janela, diz Deus, onde vocês vão começar a orar. E o Senhor diz, se vocês não aproveitarem a janela, eu vou começar a abalar a economia. E o Senhor diz: Vou transformar o Brasil, mas vocês devem transformá-lo pelos seus joelhos primeiro. Então, o Senhor diz: Comece a clamar dia e noite. Eu vou construir a casa de oração para todas as nações a partir do Brasil, diz o Senhor. Vou começar nos *campi* universitários; vou começar na escola. Vou começar nas casas do governo. E o Senhor diz: É meu desejo derrubar o principado da corrupção e o principado da pobreza, porque eu estou vindo abalar tudo que pode ser abalado. E eu estou preparando uma geração pioneira. Deixe o João, o Batista, se levantar. Deixe o João, o Batista, se levantar. Levantem-se os corredores que irão preparar o caminho do Senhor para a transformação do Brasil.” Vários vídeos em que é possível recuperar esse excerto foram disponibilizados na internet. A repercussão foi consideravelmente expressiva. Um deles, por exemplo, alcançou mais de 600 mil visualizações (<https://www.youtube.com/watch?v=GgnRFX7oUbg>, acesso em 6 de março de 2014).

A primeira pauta articulada pelos protestos foi a fim de contestar o aumento nas tarifas de transporte público. Posteriormente, temas como a precariedade dos serviços públicos e a corrupção política entraram em cena com mais força. Foi o esgotamento dos canais de participação da sociedade civil em face de uma “construção antissocial” de infraestrutura (ibid.).

Na ocasião das manifestações, Valadão, seu pai e seu esposo criticaram a violência empregada por alguns manifestantes e policiais. Compreendendo parte dos levantes como decorrentes de anarquia e desordem, interpretaram que se tratava de ação do inimigo. Problemas na área da saúde, miséria e injustiça social foram então atribuídos a guerras espirituais, a ações de demônios que precisavam ser combatidos. Assim, Valadão orientou o público a apoiar as marchas pacíficas, mas defendeu que se deve ser cidadão sem deixar de ser cristão – identidade primeira e mais importante. O suporte a ser dado por um crente, que é considerado por eles guardião de seu país, seria então o da oração/intercessão para que Deus possa ser cultuado e para que seja estabelecido seu Reino. Firmada nesta concepção, Valadão se reuniu com outros líderes evangélicos a fim de “reativar” bênçãos que já teriam sido “liberadas” para o Brasil. O encontro era parte de um projeto da cantora a fim de mobilizar figuras religiosas de impacto para jejuar e orar por 21 dias em favor do país. O encerramento desse período se daria com um encontro, que aconteceu em julho, em Brasília, para “profetização”/“ato profético” no centro político do Brasil (caderno de campo, 16 de junho e 31 de julho de 2013).

Coincidentemente, Valadão e outras líderes cantoras e/ou pastoras foram convidadas pela bispa Sônia Hernandez, fundadora da conhecida neopentecostal Igreja Renascer, a se reunir com a presidente Dilma Rousseff, no mesmo dia em que se findava o dito período de jejum e oração. Em face das manifestações, a presidente estava realizando uma rodada de encontros com representantes dos movimentos sociais. Ao contrário de muitos dos que foram a ela, as evangélicas nada pediram. Não organizaram ou lançaram mão de nenhuma pauta reivindicatória. Disseram que foram apenas doar, isto é, apoiar fazendo orações¹⁹. Valadão narra o encontro da seguinte forma:

Assim que ela [Rousseff] entrou, nós estendemos nossas mãos e começamos a cantar: sobre tua vida vou profetizar, nenhuma maldição te alcançará. [...] E nós poderíamos ali conversar de tantos assuntos, mas aquela agenda não era uma agenda política. Aquele momento foi o primeiro encontro dela

19 Uma discussão inicial sobre a participação nesse encontro de outros líderes religiosos de destaque, como Marcelo Crivella e Marco Feliciano, pode ser vista em: <http://noticias.gospelmais.com.br/dilma-encontra-ana-paula-valadao-sonia-hernandes-outras-evangelicas-58234.html>, acesso em 22 de abril de 2014.

com evangélicas. [...] Ela disse: vocês precisam vir pra minha sala orar. E nós saímos daquele lugar e fomos ao gabinete da presidente [...]. Saímos unguindo todos os móveis, os enfeites. E tinha uma Bíblia aberta atrás. E ela ficou muito impressionada com algumas palavras [...], e ela disse: sua terra sararei, ela repetiu três vezes sua terra sararei [...]. E eu sei, há tantas coisas que nós poderíamos ter falado com ela. Presidente, nosso Brasil precisa se posicionar a favor da família, a favor da vida, contra o aborto²⁰. Sim, há tantas agendas políticas que nós poderíamos falar com ela, [...] mas nós temos paz no nosso coração, eu e cada uma de nós que estivemos ali, de que fizemos o que o Senhor queria que nós fizessemos. [...] O que eu peço ao Senhor é que a porta permaneça aberta, para que os profetas do Senhor entrem e se tornem como Daniel – conselheiros diante do rei (excerto de fala, Ana Paula Valadão, Culto Mulheres Diante do Trono, 31 de julho de 2013).

Como explorado, as reivindicações e o encontro com a presidente, assim como os congressos, seminários e projetos de gravação dos *shows* realizados em vários pontos do território brasileiro são considerados pelo grupo estratégias de ação espiritual. Cabe então compreender tais iniciativas a partir de uma perspectiva mais abrangente e que ajuda a enxergar melhor que tipo de cultura esses religiosos estão a produzir, a saber, uma cultura pública e que é também belicosa.

Teologia do Domínio: uma chave explicativa²¹

Como o DT surgiu em uma igreja batista renovada, é possível dizer que suas ações se alinham a doutrinas e práticas do âmbito pentecostal, que enfatizam a contemporaneidade da intervenção divina no cotidiano. Predomina a crença de que Deus fala com o povo, expõe sua vontade, revela perigos da vida e dota os fiéis de dons religiosos. No Brasil, um dos pilares do pentecostalismo nas últimas décadas é a noção de batalha espiritual²², que, embora acompanhe a história do cristianismo ocidental desde seus primórdios, fica mais ou menos em evidência ao longo do tempo e varia conforme as idiosincrasias dos líderes que a utilizam (Mariz, 1999). Desde os anos 1990, o que mais tem influenciado a perspectiva de batalha espiritual é uma concepção estadunidense conhecida

20 O tema do aborto teve um papel-chave na eleição presidencial de 2010, na qual Rousseff foi eleita em segundo turno e teve que se posicionar pessoalmente contra o ato e comprometer-se a manter a legislação atual, que o criminaliza. Uma discussão detalhada é feita por Machado, 2012.

21 Falta na literatura especializada uma comparação que elenque as diferentes apropriações da teologia do domínio no Brasil. Para os fins da discussão proposta, este texto apresentará marcos que permitem analisar os impactos dessa concepção nas atividades do DT.

22 Outro pilar é a pregação da prosperidade, mas esta não sobressai nos discursos da banda.

como *Dominion Theology*. Cabe antecipar que Valadão e seu grupo se valem de uma versão mais atualizada dessa teologia, como será visto adiante. Antes, porém, é preciso esclarecer o que ela é e como se desenvolveu no Brasil, dotando de sentido as pugnas travadas contra seres espirituais.

A Teologia do Domínio foi amplamente difundida a partir do final dos anos 1980, sobretudo por Peter Wagner – famoso teólogo, escritor e professor do Fuller Theological Seminary (localizado em Pasadena, Califórnia), um dos principais centros de formação de liderança pentecostal e propagação dessa teologia. A ideia defendida é que o domínio e a autoridade sobre a terra foram dados por Deus aos homens desde Adão, mas foram perdidos pelo pecado original. Recuperados por Jesus através do sacrifício vicário, devem ser retomados pelos crentes. Isso se daria por meio de luta espiritual contra o diabo, que estaria bloqueando a atmosfera da terra e impedindo o fluxo do céu e a emanção de bênçãos advindas do alto. Como corolário, pensa-se que os fiéis não estariam em seus locais de trabalho apenas para sobreviver. Teriam a oportunidade de exercer liderança, dominar e ditar regras de acordo com os valores do reino de Deus (Wagner, 2012).

Essa concepção foi e ainda é alvo de inúmeras controvérsias, entre as quais se destaca a associação da perspectiva com o “dominionismo”, segundo Wagner uma postura de conquista da sociedade defendida por cristãos de extrema direita, com desdobramento político que teria como consequência última a defesa de uma teocracia (ibid.). Numa sociedade como a estadunidense, em que os princípios de liberdade religiosa e aversão ao monopólio norteiam a experiência social, é compreensível que essa aparente confusão tenha gerado, em várias pessoas, profundo incômodo quanto a tal doutrina.

No contexto brasileiro, a noção de batalha espiritual foi instrumentalizada principalmente por indivíduos pobres, filiados a igrejas pentecostais de formação mais recente (neopentecostais), e significou o enfrentamento de outras religiões, como as afro-brasileiras (Mariz, 1999)²³. Uma das consequências foi a prática do exorcismo. Ao expulsar demônios que possuíam os corpos dos sujeitos, retirava-se a responsabilidade do indivíduo por seus atos. Ainda que tenha justificado a candidatura de religiosos às casas de representação²⁴, essa teologia

23 Também houve destaque quanto à questão missionária, em que o evangelizador era visto como um guerreiro espiritual. Para maior discussão sobre a relação entre batalha espiritual, sincretismo com as religiões afro-brasileiras e cultura nacional, ver Mariz, 1999.

24 Segundo Mariano, “justificam [os defensores da batalha espiritual] [...] que a eleição de evangélicos para os altos postos políticos da nação trará bênçãos sem fim à sociedade. Além de desalojar parlamentares infiéis, idólatras, macumbeiros e adeptos de práticas pagãs, parcialmente culpados pelas terríveis maldições que recaem sobre o país, os políticos evangélicos, eleitos, teriam a privilegiada oportunidade de poder interceder, nos planos material e espiritual, diretamente no próprio local onde se alojam poderosos demônios territoriais que tanto oprimem os brasileiros” (2005: 144).

gerou uma atrofia na autodeterminação dos crentes (Mariano, 2005). As noções de culpa e responsabilidade decorrentes do livre-arbítrio, que levariam à manutenção de um comportamento ético (quer fosse uma ética cristã ou não), ficaram subjugadas à ideia de que tanto pessoas quanto povos e espaços geográficos eram dominados por demônios que precisariam ser combatidos. Segundo Mariano (2005), para que houvesse evangelização, um combate contra seres espirituais específicos era necessário, e a oração seria a arma principal.

Os espíritos, chamados também de “principados” e “potestades”, eram divididos em familiares e territoriais. Os territoriais estariam escravizando determinadas regiões, estados e culturas. Como o Brasil é uma nação com forte presença do catolicismo, interpretou-se, por exemplo, que havia uma maldição pelo fato de Nossa Senhora Aparecida ser padroeira do país e por haver um feriado nacional dedicado a seu culto. Expedições “intercessórias” de maior ou menor porte seriam então necessárias para combater os inimigos. Os espíritos familiares, em contrapartida, seriam os geradores das maldições hereditárias, decorrentes do contato do indivíduo (ou de um de seus ancestrais) com quaisquer práticas interpretadas como contrárias à religião evangélica. Alcoolismo, pedofilia, adultério, homossexualidade, crime, envolvimento com outras alternativas de fé, enfermidades congênitas etc. seriam razões para que o demônio tivesse direito de intervir na vida da pessoa. Para se livrar do jugo, era necessário que o crente confessasse, se arrependesse do pecado de seus parentes e assim renunciasse ao que levava o demônio a dominar determinada área de sua vida (ibid.).

Como a compreensão do sujeito como individualista e autônomo era alienada, pois ele era visto como totalmente dependente da ação e da vontade de Deus ou do diabo, problemas sociais foram endereçados como questões espirituais. Mariano argumenta que aqueles crentes, “ao mesclarem o social com o espiritual, não [propunham] militância política, mas sim militância religiosa, engajando o fiel ora num processo de santificação, ora num combate espiritual, às vezes nos dois, visando à libertação do mal” (Mariano, 2005: 146).

Existem diferenças entre a Teologia do Domínio dos neopentecostais e a que é pregada pelo DT. A começar pelo embate com as religiões afro-brasileiras. Ainda que o imaginário dos integrantes do DT seja semelhante ao dos demais pentecostais, a exposição disso é bem menos evidente do que em igrejas como a Universal do reino de Deus, por exemplo, em que a referência a entidades daquelas religiões ocupa posição central. O DT prefere usar estratégias diferentes. Como visto, a de satanizar e perseguir as festas populares, direta ou indiretamente ligadas a tradições religiosas, e a de lutar, na maior parte das vezes espiritualmente, em favor da política e de melhores condições climáticas. Além disso,

o grupo se liga à Teologia do Domínio nos dias de hoje por meio do contato de Valadão com a já citada profeta Cindy Jacobs.

Jacobs faz parte de uma rede de líderes, estadunidenses e também de outros lugares do mundo²⁵, e recebe mentoria direta de (em termos nativos, “está alinhada a”) Peter Wagner. Os novos livros de Wagner e o discurso dos que estão a ele vinculados mostram cuidado ao usar o termo domínio/dominação, embora os propósitos a ser alcançados continuem, se não mais, ao menos tão ambiciosos como antes. Atualmente também é usado o termo Teologia do Reino, depois que Wagner narrou ter recebido de Deus um entendimento mais ampliado a respeito da doutrina de outrora. Wagner defende que a missão dos crentes deve ser orientada não só pela ordem recebida de evangelizar, mas por um “mandato cultural”, visando a transformar a sociedade. É central nessa nova compreensão o fato de o mundo estar diante da “segunda era apostólica”, que teria começado por volta de 2001 (a primeira se deu na época de Jesus, período em que ficaram conhecidos como apóstolos aqueles que foram comissionados para pregar o evangelho pelo mundo). Segundo Wagner, nem todos os que recebem o dom do apostolado teriam a função de trabalhar na esfera religiosa. Fora dela, os “apóstolos dos locais de trabalho” (*workplace apostles*) agiriam mediante a expectativa de uma promessa que eles dizem ter recebido de Deus, a saber, a que uma grande riqueza “do mundo” será transferida para a igreja, que, por meio de um governo bíblico, romperá definitivamente com o espírito da pobreza – agente demoníaco de Satanás e que impede a prosperidade (Wagner, 2012).

A mudança pregada se pauta pelo “mandato das sete montanhas”. Trata-se de fomentar alterações nos setores-chave em que Wagner e outros líderes dividem a sociedade: artes e entretenimento, negócios, governo, família, mídia, religião e educação (Christerson; Flory, 2013). As alterações seriam então decorrentes do papel desempenhado pelos que ocupam posições de tomada de decisão (caderno de campo, Igreja HRock, 28 de julho de 2013). Isso pressupõe guerra espiritual em “nível estratégico”, ou seja, da mesma forma que pregada na década de 1990. Primeiro, deve ser feita uma pesquisa identificando o “perfil espiritual” da área, como as “fortalezas demoníacas”; depois, trata-se de determinar, por profecia, o

25 Uma associação que unia líderes evangélicos que utilizavam as concepções de batalha espiritual foi criada em 1990 sob a coordenação de Wagner e recebeu o nome de Rede Internacional de Guerra Espiritual (Mariano, 2005), originalmente Spiritual Warfare Network. A versão brasileira era coordenada por Neuza Itioka, que, assim como outros nomes e grupos independentes, atualmente se encontra ligada à Global Spheres, antes chamada Global Harvest Ministries. A Global Spheres reúne líderes espalhados pelos cinco continentes. Os vínculos de cada um variam. Uma das características importantes é que a rede não é rígida, o que facilita a eventual substituição de certo ator (Christerson; Flory, 2013). Algumas das iniciativas organizadas pelos líderes são chamadas de “centros apostólicos”, pois são diferentes tipos de igrejas locais, uma vez que a função delas é treinar pessoas para fora, e não confiná-las em um determinado espaço.

nome e a natureza dos demônios; por fim, é preciso interceder, organizando passeatas, vigílias de oração, comícios, conferências etc. (ibid.).

Em entrevista a mim concedida, Wagner explica da seguinte forma:

Our tradition has been mostly in getting people saved and multiplying churches and not as changing society, but that's all changing. [...] What I call the dominion mandate is God not only want us to get people saved and into churches, but also to change society. The church, that is on the religion mountain, don't have a vision for changing society, only a very few do. But the believers in the other six mountains, they have a vision for changing society, but they are disconnected from the pastors, because the pastors don't understand about changing society. What we have to do is change our mind set, so we encourage our believers, like in the government mountain, to understand that what they do there in the positions they hold is a ministry²⁶ (excerto de entrevista, Peter Wagner, 18 de novembro de 2013).

Além do contato e da profecia de Cindy Jacobs, o DT utiliza parte da lógica da Teologia do Reino a fim de justificar ações no campo da música, na mídia secular, nos eventos em que defende valores heteropatriarcais e no posicionamento religioso diante de questões políticas. Valadão diz:

Eu estive em programas chamados seculares, em emissoras de TV não evangélicas, com um alcance muito grande. Milhões e milhões de brasileiros assistem a esses programas, e Deus nos deu essa oportunidade de conquista. Não para a nossa glória, mas para a extensão do seu reino [...]. Eu sou uma embaixatriz do reino de Deus (Ana Paula Valadão, Programa Diante do Trono, 1º de janeiro de 2014).

Eu vejo um exército de mulheres de Deus se levantando nas nossas casas, nas nossas cidades, nas nossas sociedades, em todas as áreas: na política, no governo, na saúde, na educação, no comércio, na indústria, na ciência, em todas as áreas, nas artes, em todas as áreas. Eu vejo um exército se levantando de mulheres com a verdadeira liberdade (Ana Paula Valadão, I Congresso Mulheres Diante do Trono, 2011).

26 “Nossa tradição tem sido principalmente a de salvar pessoas e multiplicar igrejas, e não a de mudar a sociedade, embora isso tudo esteja mudando. [...] O que eu chamo de o mandato do domínio é Deus não só querendo que levemos as pessoas a ser salvas e a ficar dentro das igrejas, mas também a mudar a sociedade. A igreja que está na montanha da religião não tem a visão de mudar a sociedade, apenas poucos têm. Mas os crentes das outras seis montanhas, eles têm a visão de mudar a sociedade, embora eles estejam desconectados dos pastores, porque os pastores não entendem sobre mudar a sociedade. O que temos que fazer é mudar nossa mentalidade, de modo que encorajemos nossos fiéis, os da montanha do governo, a entender que o que eles fazem lá nos cargos que ocupam é um ministério.”

Nós cremos que a cura alcançará toda a sociedade, porque no lugar do trabalho haverá transformação. Nas escolas haverá mudança. Cristãos serão colocados em lugares estratégicos, lugares de autoridade, de decisão, de influência, nas empresas. Também na política, no governo, nas artes, na mídia. Nós estaremos sendo enviados pelo Senhor como embaixadores do seu reino (Ana Paula Valadão, Programa Diante do Trono, 12 de fevereiro de 2014)²⁷.

A apropriação da Teologia do Domínio/Teologia do Reino pelo DT importa na medida em que informa sobre o engajamento dos evangélicos na sociedade²⁸. Fica explícito que, em vez de se confinarem numa posição sectária, afastando-se, rejeitando e procurando se desvencilhar o máximo possível do mundo, esses crentes querem “dominá-lo”, isto é, estender sua atuação para fora do âmbito propriamente religioso. Eles não visam a se proteger da sociedade moderna, mas se “engajam apaixonadamente” nela (Smith et al., 1998) ao colocarem-na como objeto contra o qual lutam, ainda que o efeito prático disso, como observado até aqui, seja o de certa apatia quanto a responsabilidade, autodeterminação dos sujeitos e desenvolvimento de uma ética. É preciso frisar que, embora não se esteja diante da resistência ao mundo, também não se trata de uma acomodação negativa à cultura abrangente, como se a religião tivesse um núcleo duro e não renovável de preceitos e valores que diminuíssem progressivamente cada vez que ela se adapta à sociedade. Embora seja uma barganha, é uma “barganha criativa”, que implica a constante reinvenção de fronteiras e a elaboração de justificativas a respeito dos limites entre o sagrado e o secular.

Além do exposto, outra iniciativa da banda que merece consideração são as atividades de assistência. Estas contribuem para uma pequena conscientização da plateia quanto a questões de interesse social e direitos humanos. Vejamos suas implicações e limitações.

“Dominando” através de ações de assistência

Na época da formação da banda, uma das razões para a arrecadação do dinheiro advindo da venda de CDs foi criar o projeto Ashastan, na Índia. Em

27 Outro exemplo do modo como o grupo se vale da teologia do domínio pôde ser visto quando Valadão, no Congresso Mulheres Diante do Trono de 2013, se vestiu com traje militar, marchou juntamente com o público presente, falou em línguas estranhas e encenou uma espécie de batalha (“ato profético”) em que a Bíblia seria a arma (“um poderoso fuzil”) a ser lançada contra as “fortalezas espirituais”. A representação tinha o intuito de combater o orgulho/a altivez, as doenças emocionais (estresse, depressão) e os inimigos (demônios) da família, das finanças, as doenças físicas e a apatia espiritual (caderno de campo, 31 de agosto de 2013).

28 Neste parágrafo faço uma analogia com o que mostraram Smith et al. (1998) para o caso do evangelicalismo estadunidense.

parceria com a IBL, o DT organizou uma casa (atualmente há relato de cinco) que passou a oferecer abrigo, alimentação, vestuário, atendimento médico e odontológico e atividade educacional e profissionalizante para crianças vitimadas pela prostituição. Em 2009 o DT deu suporte ao envio de missionários para assistir a comunidades ribeirinhas no estado do Amazonas. Em 2010 fez uma parceria com o Hospital do Câncer, da cidade de Barretos, onde ocorreria a gravação do CD daquele ano, a fim de fomentar doações de medula óssea e arrecadar verbas para o hospital. Em 2011 e 2012 o grupo visitou uma penitenciária e cantou em favelas pacificadas pela polícia militar. Este último evento foi promovido por órgãos do governo, entidades filantrópicas e pela Rede Globo. Desde 2011 a banda vem participando de programas televisivos não evangélicos (de diversas emissoras) que promovem campanhas beneficentes (caderno de campo, 21 de novembro de 2011, 13 de setembro de 2012 e 7 de março de 2014).

O DT também é parceiro da Visão Mundial, organização não governamental humanitária e cristã que chegou ao Brasil em 1970 e atua no campo da assistência a crianças e famílias, visando a combater causas de pobreza. Outra parceria é com a Rede Evangélica Nacional de Ação Social (RENAS), que surgiu em 2003 e é apoiada pela Visão Mundial. A RENAS é uma rede de suporte a outras redes, entidades filantrópicas, agências missionárias, igrejas e organizações de apoio social evangélicas.

Eventualmente Valadão abre espaço nas programações que realiza (cultos para mulheres, congressos, programas de televisão) para divulgar a Visão Mundial e incentivar o apadrinhamento (ajuda financeira vinculada à imagem de uma determinada criança). A pequena quantia mensal que se arrecada faz parte da mobilização de recursos destinados a projetos criados pela Visão Mundial na comunidade em que o carente vive, com vistas a romper com o ciclo da pobreza. Na edição do culto de mulheres que ocorreu logo após o encontro com Rousseff, um vídeo foi apresentado para motivar o apadrinhamento²⁹. Após as manifestações populares, a parceria com a RENAS também foi destacada. O DT apoiou o projeto Bola na Rede, divulgando-o no culto de mulheres de fevereiro de 2014. Na ocasião, Valadão apresentou-o como um instrumento de luta contra o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. A campanha surgiu no contexto de debate do Encontro da RENAS e se organizou através de mutirão de oração, campanhas de vacinação regionais e fomento à notificação de violências sexuais. Para Valadão, a igreja deve se posicionar contra a exploração dos menores

29 Não deve ser perdido de vista que a assistência é um campo de concentração de mulheres, de modo que elas se tornam agentes preferencias de doação (Dos Santos; Rosas, 2014; Machado; Mariz, 2008).

orando e expulsando espíritos malignos que agem incitando a prostituição e a pedofilia (caderno de campo, 26 de fevereiro de 2014).

É possível dizer que as assistências instrumentalizadas pelo DT fazem parte do que Conrado (2006) chamou de uma ação social evangélica mais atenta às questões modernas, mas sem abrir mão da identidade religiosa evangelizadora. Embora tenha sido comum no Brasil certo apoliticismo associado à ajuda tradicional (distribuição de alimentos e roupas, atividades educacionais, visita a hospitais e presídios etc.), é cada vez mais frequente o engajamento dos evangélicos em ações que se alinham a ideias de combate à injustiça e à desigualdade social e a discursos como o de responsabilidade social. Como bem aponta Souza (2011), isso faz parte de um processo em que os indivíduos adquirem *status* de cidadãos, isto é, mercedores de direitos sociais e não de caridade³⁰. Nesse sentido, os crentes se circunscrevem no campo das ajudas muitas vezes assumindo “uma perspectiva religiosa que incorpora as demandas e expectativas sociais e políticas mais amplas” (Conrado, 2006: 191). Tal assimilação tem como causa o crescimento numérico dos adeptos dessa fé, o declínio global dos sistemas esquerdistas (como o das antigas Alemanha Oriental e União Soviética), e das associações negativas feitas com eles, e as transformações sociais que passaram a exigir maior participação de distintos grupos a fim de combater injustiças e desigualdades (ibid.).

A bandeira que o DT ajuda a levantar também é compartilhada pelos católicos. A Campanha da Fraternidade, iniciativa organizada anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), teve como tema de 2014 o tráfico humano, objetivando conscientizar os fiéis sobre o trabalho escravo, a exploração sexual, o tráfico de crianças e a venda de órgãos. Visou ainda a estimular, igualmente como no programa Bola na Rede, que os fiéis notifiquem situações de violação dos direitos dos indivíduos. Não é possível atribuir a uma ou outra vertente o pioneirismo da iniciativa. Alguns poderiam argumentar que ações sociais desenvolvidas por entidades religiosas podem ser compreendidas à luz de disputas entre católicos e evangélicos. Isso é verdade se tomamos como referência que até o início dos anos 1980 o pentecostalismo era eminentemente apolítico, cooperando para a manutenção do *status quo* e interpretando a política e seus correlatos como diabólicos e mundanos. A inserção no âmbito partidário, por exemplo, se deu pelo medo de que a Igreja Católica ampliasse seus privilégios junto ao Estado e a fim de defender interesses institucionais e valores familistas (Mariano, 2011).

30 Na mesma linha, Conrado (2006) acentua que o maior envolvimento dos evangélicos nas assistências deve ser compreendido mediante a redemocratização brasileira, o interesse na ética política, a emergência de discursos sobre cidadania e as campanhas governamentais de combate à fome e à pobreza.

Mesmo sem perder isso de vista, parece mais importante analisar a similitude percebida como fruto das modalidades de inserção da religião no espaço público. Seguindo a trilha de Pace (1997), é possível dizer que as religiões na modernidade encontram lugar de comunicação e diálogo sobre problemas da espécie humana que se põem como globais, tais como a paz e a justiça social. Segundo ele, o eco dessas questões é bem maior e mais positivo que os embates decorrentes de temas controversos, como o papel da mulher, o aborto, a homossexualidade etc. (Pace, 1997: 38-39), ainda que estes últimos não sejam completamente descartados.

Lindenbaum (2013), fazendo uma análise sobre a música popular cristã dos Estados Unidos, mostrou que a evangélica forja subjetividades neoliberais ao produzir certo desdém quanto à intervenção governamental. Ao misturar senso de comunidade da fé e moralidade pessoal em detrimento da justiça social, as bandas chamam a atenção para a volta de Jesus, colocando a salvação como o mais importante. Como herdeiras da contracultura dos anos 1960, rejeitam se envolver nas burocracias hierárquicas, nas políticas governamentais e nas eleições. O destaque fica para o proselitismo associado à provisão de serviços sociais. Em vez de acionar burocracias públicas e governos locais (que são interpretados como corrompidos), os grupos fazem parcerias com ONGs confessionais de suporte a crianças, combate à pobreza mundial e ao tráfico humano, e apoio ao desenvolvimento econômico da Índia, da América Central e da África³¹. As ONGs tem ênfase mais no sujeito e no concerto espiritual que em mudanças nas condições estruturais da sociedade. Para Lindenbaum, a posição política gerada por tal apoliticismo dos músicos evangélicos é de apoio a um governo com intervenção menor (neoliberal), uma caridade privada e maior responsabilidade sobre a ação do indivíduo.

O entrelaçamento entre música e assistência proselitista parece ser um fenômeno global, embora haja importantes diferenças entre os dois contextos nacionais. Uma delas é que nos Estados Unidos muitos evangélicos consideram a igreja (e não o estado) como responsável pelo bem-estar social (ibid.) e, consequentemente, se engajam bastante política e socialmente (Smith et al., 1998). No Brasil, o envolvimento cívico dos crentes é baixo, mas é como o da média da população, com exceção da proporção de participação em associações locais, nas quais os evangélicos se envolvem mais que a média nacional (Fernandes, 1998).

O DT também enfatiza a corrupção da máquina pública, bem como realiza parcerias com ONGs. Através das ações da banda, todavia, embora se acionem discursos como os dos direitos humanos, não se fomentam a autonomia e a responsabilidade dos sujeitos, nem iniciativas que possam ter impacto na

31 Além da Visão Mundial (World Vision), o autor cita as ONGs Food for the Hungry, Compassion International, Habitat for Humanity, ONE Campaign, International Justice Mission e Home Foundation.

transformação estrutural das circunstâncias sociais. Ainda que as assistências apoiadas orbitem em torno de debates sobre gestão da violência, pobreza, políticas públicas de inclusão etc., tais temas apenas tangenciam o discurso do grupo, que é mais focado na intervenção espiritual, como por meio de orações, congressos e gravações. Assim, é possível dizer que a conscientização da audiência ocorre em escala mínima e não promove a cidadania. Até porque é comum que boa parte dos voluntários ou doadores arrolados faça apenas pontuais contribuições financeiras e permaneça efetivamente à margem das discussões públicas, reproduzindo vocábulos somente como jargões³².

Conclusão

A análise da ação dos evangélicos através da música evidencia a busca por transformação moral, associada a um posicionamento político subjugado à identidade e à prática religiosa. A Teologia do Domínio, nesse sentido, se mostra uma eficiente ferramenta para misturar as estratégias de “dominação”, pautadas tanto por guerras contra “principados e potestades” quanto pela inserção proselitista em diferenças esferas sociais, e as da assistência. O que isso representa para a sociedade em termos de desenvolvimento do terceiro setor, engajamento público e luta pelos direitos individuais? Bem pouco, se olharmos com as lentes das atividades do DT até a presente data. Novamente utilizando o raciocínio de Christian Smith et al. (1998), vê-se que o envolvimento social dos religiosos, expresso no voluntarismo filantrópico (assistencial etc.), por mais valioso que seja, não visa a alterar as estruturas sociais ou os sistemas culturais. Quando muito, tem como objetivo aliviar o sofrimento causado por esses mesmos sistemas (ibid.: 196-198).

Embora não se pretenda traçar o caminho de boa parte da sociologia da religião brasileira dos anos 1980, que considerava que eram negativos os movimentos religiosos que não promoviam militância política, como narrou Mariz (2011), é preciso, no mínimo, duvidar do impacto que a conscientização realizada pelo DT tem para maior valorização dos sujeitos, promoção de direitos dos cidadãos, elaboração de pautas políticas e fomento à cultura. Afinal, não se pode desconsiderar que a base das iniciativas descritas está em atribuir sucesso e insucesso a lutas espirituais.

32 Quando pesquisei as obras sociais da Igreja Universal, notei que conceitos oriundos do campo da filantropia leiga, como os citados neste parágrafo, geralmente são usados apenas dentro do círculo dos profissionais de assistência envolvidos nos projetos religiosos. À medida que há distanciamento desse núcleo, os significados se perdem (Rosas, 2011; 2012; 2013a).

Referências

- AVRITZER, Leonardo. O que as manifestações no Brasil nos dizem?, 2013. <http://democraciajustica.org/cienciapolitica3/node/1054>; acesso em 7 de março de 2014.
- BALMER, Randall. Apostles of Rock: The Splintered World of Contemporary Christian Music [resenha de livro]. *Church History*, v. 69, n. 4, 2000, pp. 944-945.
- BERGER, Peter. Introduction: The Cultural Dynamics of Globalization. In: BERGER, Peter; HUNTINGTON, Samuel (Ed.). *Many Globalizations: Cultural Diversity in the Contemporary World*. New York, Oxford University Press, 2002, pp. 1-16.
- BROWN, Charles. Selling Faith: Marketing Christian Popular Culture to Christian and Non-Christian Audiences. *Journal of Religion and Popular Culture*, v. 24, n. 1, 2012, pp. 113-129.
- CASANOVA, José. Religion, The New Millenium, and Globalization. *Sociology of Religion*, v. 62, n. 4, 2001, pp. 415-441.
- CHRISTERSON, Brad; FLORY, Richard. Revolution from Above: Spiritual Warfare, Territorial Spirits, and Social Transformation in the New Pentecostalism. *Haunting Religion*, University of Southern California, 2013.
- CONRADO, Flávio César dos Santos. Religião e cultura cívica: um estudo sobre modalidades, oposições e complementariedades presentes nas ações sociais evangélicas no Brasil. Tese de doutorado, Antropologia Cultural, UFRJ, 2006.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.
- DE PAULA, Robson Rodrigues. “Audiência do Espírito Santo”: música evangélica, indústria fonográfica e formação de celebridades no Brasil. Tese de doutorado, Ciências Sociais, UERJ, 2008.
- DE PAULA, Robson Rodrigues. O mercado da música *gospel* no Brasil: aspectos organizacionais e estruturais. *Revista UNIABEU*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 2012, pp. 141-157.
- FERNANDES, Rúbem César. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja*. Rio de Janeiro, Mauad X, 1998.
- FRESTON, Paul. “Neo-Pentecostalism” in Brazil: Problems of Definition and the Struggle of Hegemony. *Archives de Sciences Sociales des Religions*, v. 105, 1999, pp. 145-162.
- FRESTON, Paul. The Universal Church of the Kingdom of God: a Brazilian Church Finds Success in Southern Africa. *Journal of Religion in Africa*, v. 35, n. 1, 2005, pp. 33-65.
- FRESTON, Paul. Latin America: The “Other Christendom”. In: BEYER, Peter; BEAMAN, L. (Ed.). *Religion, Globalization and Culture*. Leiden, Brill, 2009, pp. 571-593.
- FRESTON, Paul. As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 12, n. 12, 2010, pp. 13-30.
- GIUMBELLI, Emerson. Cultura pública: evangélicos y su presencia en la sociedad brasileña. *Sociedad y Religión*, v. 23, 2013, pp. 13-43.

- HERSCHMANN, Micael. Emergência de uma nova indústria da música: crescimento da importância dos concertos (e festivais), retorno do vinil, popularização dos *tags* e dos *videogames* musicais. In: 33º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2009.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, Vozes, 2008.
- HOWARD, Jay. Contemporary Christian Music: Where Rock Meets Religion. *Journal of Popular Culture*, v. 26, n. 1, 1992, pp. 123-130.
- HOWARD, Jay; STRECK, Jonh. *Apostles of Rock: The Splintered World of Contemporary Christian Music*. Kentucky, The University Press of Kentucky, 1999.
- INGALLS, Monique Marie. *Awesome in This Place: Sound, Space and Identity in Contemporary North American Evangelical Worship*. Tese de doutorado, Filosofia, University of Pennsylvania, 2008.
- INGALLS, Monique Marie. The Evangelical British Invasion: Challenging Boundaries, Transforming Congregational Songs. In: *IASPM Conference*. San Diego, 2009.
- INGALLS, Monique Marie. International Gospel and Christian Music. In: SHEPHERD, J.; HORN, D. (Ed.). *The Continuum Encyclopedia of Popular Music of the World*. London, Bloomsbury Press, 2013.
- INGALLS, Monique Marie; LANDAU, Carolyn; WAGNER, Tom. Prelude: Performing Theology, Forming Identity and Shaping Experience: Christian Congregational Music in Europe and North America. In: INGALLS, Monique Marie; LANDAU, Carolyn; WAGNER, Tom (Ed.). *Christian Congregational Music: Performance, Identity and Experience*. Farnham, Ashgate, 2013a, pp. 1-14.
- INGALLS, Monique Marie; NEKOLA, Anna; MALL, Andrew. Christian Popular Music, USA. In: WATSON, J.; HORNBY, E. (Ed.). *The Canterbury Dictionary of Hymnology*. United Kingdom, Canterbury Press, 2013b.
- JACOB, Cesar Romero. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. São Paulo, Loyola, 2003.
- KATZ, David. Apostles of Rock: The Splintered World of Contemporary Christian Music [resenha de livro]. *Sociology of Religion*, v. 61, n. 3, 2000, pp. 341-343.
- LINDENBAUM, John. The Neoliberalization of Contemporary Christian Music's New Social Gospel. *Geoforum*, v. 44, 2013, pp. 112-119.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro, FGV, 2006.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, v. 7, jan.-abr. 2012, pp. 25-54.
- MACHADO, Maria das Dores Campos; MARIZ, Cecília Loreto. Religião, trabalho voluntário e gênero. *Interseções*, Rio de Janeiro, UERJ, v. 9, 2008, pp. 309-326.
- MARIANO, Ricardo. Efeitos de secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. *Civitas*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2003, pp. 111-125.

- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 2005.
- MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira. *Civitas*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 2011, pp. 238-258.
- MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica*, São Paulo, v. 47, set. 1999, pp. 33-48.
- MARIZ, Cecília Loreto. Algumas reflexões sobre religião e luta pela cidadania. In: BURITY, Joanildo; ANDRADE, Péricles (Org.). *Religião e cidadania*. São Cristóvão, Editora UFS/Fundação Joaquim Nabuco, 2011, pp. 263-272.
- MILLER, Donald Earl. *Reinventing American Protestantism: Christianity in the New Millennium*. Los Angeles, University of California Press, 1997.
- MILLER, Donald Earl; YAMAMORI, Tetsunao. *Global Pentecostalism: The New Face of Christian Social Engagement*. Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 2007.
- NEKOLA, Anna. Between This World and The Next: “Worship Wars” and Evangelical Ideology in the United States, 1960-2005. Tese de doutorado, Filosofia, University of Wisconsin, 2009.
- NEKOLA, Anna. US Evangelicals and the Redefinition of Worship Music. In: BAILEY, M.; REDDEN, G. (Ed.). *Mediating Faiths: Religion and Socio-Cultural Change in the Twenty-First Century*. Farnham, Ashgate, 2010, pp. 131-143.
- ORO, Ari Pedro. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 53, 2003, pp. 53-69.
- PACE, Enzo. Religião e globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). *Globalização e religião*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- POWELL, Mark Allan. Contemporary Christian Music: A New Research Area in American Religious Studies. *American Theological Library Association Summary of Proceedings*, v. 58, 2004, pp. 129-141.
- ROSAS, Nina. Representações e desdobramentos da caridade da Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de mestrado, Sociologia, UFMG, 2011.
- ROSAS, Nina. As ações sociais da Igreja Universal: recrutamento e empreendedorismo no A Gente da Comunidade de Belo Horizonte. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, v. 14, n. 17, 2012, pp. 27-51.
- ROSAS, Nina. Amostra grátis da prosperidade: ações de assistência na Igreja Universal e o caso de Minas Gerais. In: CUNHA, Neiva; FELTRAN, Gabriel (Org.). *Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Lamparina/Faperj, 2013a, pp. 133-146.
- ROSAS, Nina. Religião, mídia e produção fonográfica: o Diante do Trono e as disputas com a Igreja Universal. *Religião & Sociedade*, v. 33, n. 1, 2013b, pp. 167-194.

- ROSAS, Nina; DE CASTRO, Cristina. Charismatic Protestantism, Gender and Sexuality in Brazil. In: SHIPLEY, Heather; BEAMAN, Lori. G.; BEYER, Peter (Ed.). *Globalized Religion and Sexual Identity: Contexts, Contestations, Voices*. Leiden, Brill, 2014, pp. 217-235.
- SMITH, Christian. *American Evangelicalism: Embattled and Thriving*. Chicago/London, The University of Chicago Press, 1998.
- SOUZA, André Ricardo de. Caridade, conservação e mudança social. In: BURITY, Joanildo; ANDRADE, Péricles (Org.). *Religião e cidadania*. São Cristóvão, Ed. UFS/ Fundação Joaquim Nabuco, 2011, pp. 193-212.
- STORNI, Maria Otília Telles; ESTIMA, Liliane de. A religião como produto de consumo: reflexões. *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, João Pessoa, n. 15, 2010, pp. 15-28.
- WAGNER, Peter. *On Earth as it is in Heaven: Answer God's Call to Transform the World*. Ventura, Regal, 2012.

Sites consultados

- ADORAÇÃO Intercessão. Disponível em: www.adoracaointercessao.com.br, acesso em 06 de março de 2014.
- DIANTE do Trono. Disponível em: www.diantedotrono.com, acesso em julho de 2013.
- GNOTÍCIAS. Disponível em: www.noticias.gospelmais.com, acesso em 22 de abril de 2014.
- MIX Gospel Blog. Disponível em: <http://mixgospelblog.blogspot.com.br/2011/12/comunidade-crista-logos-pretende.html>, acesso em 18 de dezembro de 2014.
- YOUTUBE. Abalarei o principado da corrupção e da miséria no Brasil – Cindy Jacobs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GgnRFX7oUbg>, acesso em 6 de março de 2014.
- YOUTUBE. Nos Bastidores com o DT – PGM 43 – Fortaleza – CE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-Oa6hIVafg#t=513>, acesso em 18 de dezembro de 2014.

Recebido em: 22/04/2014

Aceito em: 01/12/2014

Como citar este artigo:

- ROSAS, Nina. "Dominação" evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 5, n. 1, jan.-jun. 2015, pp. 235-258.